

Theodor Adorno: sobre o ensaio

Theodor Adorno: the essay as a form

Bianca Machado*

Não seria exagero afirmar que o pensamento de Theodor W. Adorno possui, antes de qualquer outro aspecto, a marca do seu momento histórico. Adorno foi um intelectual alemão de ascendência judaica, cuja produção filosófica se desenvolveu em paralelo a alguns dos mais conturbados períodos da história recente. Parte significativa de sua produção intelectual é realizada durante os anos em que viveu nos Estados Unidos, refugiado do holocausto nazista, tendo continuado após seu retorno à Alemanha, onde vivenciou as tensões do pós-guerra.

Não há exageros, também, quando o historiador Eric Hobsbawm se refere à primeira metade do século XX como a “era da catástrofe”. O diagnóstico de época elaborado por Adorno, por vezes bastante sombrio, compreende este período. Para Adorno, o século XX é o momento no qual malogram as promessas modernas de emancipação e liberdade anunciadas pelo programa do Esclarecimento filosófico. A análise do estado de coisas deste período conduz Adorno a apontar que a barbárie na qual a humanidade se encontra mergulhada é decorrência de uma filosofia que ergueu elevadas pretensões sobre pressupostos ingênuos, fundamentando seu conhecimento em concepções limitadas

e autocráticas, porque excessivamente subjetivistas, de experiência. Adorno aponta que o modelo de racionalidade tradicionalmente adotado pela filosofia moderna, com vistas ao progresso científico e ao desenvolvimento social em nome de um ideal de emancipação, contraditoriamente conduz o indivíduo a um estado de sujeição. É necessário, Adorno conclui, que a filosofia repense a fundamentação teórico-epistemológica do modelo de experiência legado pela modernidade.

Para acompanhar o percurso adorniano é preciso retroceder brevemente. Immanuel Kant, em seu escrito *Resposta à pergunta: “o que é Esclarecimento?”* lançava as bases do projeto mais caro à modernidade. Esclarecida é a razão que impele o sujeito a agir autonomamente, independente das imposições de outrem. Nas palavras de Kant, seria a saída do homem de sua “menoridade”, se utilizando apenas da sua razão para tomar as decisões concernentes a sua vida. Seu ideal é a realização efetiva da liberdade, por meio da ação consciente e da não sujeição a dogmas, crenças, misticismo e forças tomadas injustificadamente como “superiores”. A razão é o fundamento da ação livre e, portanto, da realização humana.

O pensamento moderno, confiante nesta capacidade para gerar, por conta própria, as condições de realização de suas ambições, e ocupando o lugar deixado pela autoridade política e religiosa ilegítima, atravessa séculos consolidando um paradigma de conhecimento que impõe como norma. Adorno revelará que essa imposição, que caracteriza a filosofia moderna, possui semelhanças notáveis com o dogmatismo que essa mesma filosofia acredita haver suprimido. O programa filosófico que conduz a humanidade ao oposto de seus objetivos é reconstruído em uma obra que Adorno escreve em parceria com Max Horkheimer, publicada em 1947, a *Dialética do Esclarecimento*. Nela os autores avaliam

como o pensamento moderno – e a rigidez de sua fundamentação epistemológica –, que tem por objetivo o esgotamento do desconhecido, do irracional, na natureza e nos seres humanos, e, portanto, promete o alcance da emancipação e da felicidade, se converte na defesa cega de uma maquinaria que mutila pessoas, gera a dominação e controle do homem pelo homem e conduz a humanidade a um estado de coisas desesperador.

Horkheimer e Adorno observam que a filosofia nasce com a pretensão de suprimir credências e mitos e estender seu potencial em vista do controle absoluto da natureza. Seu propósito fundamental: eliminar o medo frente ao desconhecido, ao incontrolável poder da natureza, garantindo a autoconservação humana através do desenvolvimento progressivo do conhecimento coerente, racional, fundamentado lógico-argumentativamente. Voltando um pouco mais no tempo, ambos apontam que esse mesmo objetivo já pairava por detrás das narrativas míticas. Para os autores, também “o mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985: 23). A filosofia aprofunda essa pretensão: mesmo o mito deve ser extirpado, por sua incoerência, carência de ordenamento lógico e eventual irracionalidade.

Esse impulso de controle da natureza em seus processos se radicaliza no pensamento moderno, pelo desenvolvimento do método científico experimental, calcado na geometrização de espaços, na reprodução e matematização de fenômenos, abstração e calculabilidade. O positivismo, enraizado no pensamento empirista – e que Adorno acusa sem reservas como sendo uma das mais equivocadas tentativas de realização do programa do pensamento esclarecido – impõe a fórmula da subordinação da natureza ao sujeito cognoscente e defende que a libertação humana cresce na mesma medida da soberania dos sujeitos sobre

todas as formas de existência, inclusive a humana. Sobre esta pretensão, afirmam os autores que a matéria deve ser dominada sem a ilusão de qualidades ocultas. O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento. [...] Até mesmo aquilo que não se deixa compreender, a indissolubilidade e a irracionalidade, é cercado por teoremas matemáticos. Através da identificação antecipatória do mundo totalmente matematizado com a verdade, o esclarecimento acredita estar a salvo do retorno do mítico. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985: 21 - 29)

A partir do esclarecimento, o desejo de domínio e fixação se concretiza pela redução acríica do critério de verdade do conhecimento à sua adequação a leis elaboradas pelo próprio sujeito cognoscente, com base em fenômenos que apresentem regularidade. Mito e esclarecimento se revelam então como duas faces de uma mesma moeda: ao temor humano, decorrente do reconhecimento da fragilidade da sua condição, se segue um impulso de subordinação. Mas o esclarecimento aprofunda esse impulso. A compreensão do mundo, no esclarecimento, se realiza apenas por meio de sua total padronização, jamais pela compreensão da sua irredutibilidade. Adorno e Horkheimer, por isso, ironizam o sonho positivista de tornar o mundo um “gigantesco juízo analítico” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985: 39) e afirmam que “o esclarecimento é totalitário como qualquer outro sistema” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985: 37).

Outro fator, também apontado pelos autores como marco da moderna racionalidade esclarecida, se deixa visualizar nos efeitos da consolidação do sistema econômico capitalista sobre a totalidade social. Karl Marx já observara o potencial nivelador da internalização, por parte dos indivíduos, de “leis de troca” que



convertem diversos elementos da totalidade social – objetos, trabalho e tempo – em valor monetário. Brian O'Connor aponta que, para Adorno, esse fenômeno de equivalência quantificadora estabelece um paradigma de pensamento que reduz a capacidade dos indivíduos de analisar a estrutura da qual fazem parte. O'Connor aponta que

a tendência de traduzir tudo em valor abstrato passa a determinar a percepção dos indivíduos acerca de toda a realidade. [...] Dentro do capitalismo, todos os objetos podem ser classificados dentro de uma unidade abstrata de valoração, traduzidos no medium da troca monetária e reduzidos à quantificação abstrata. Essa é a marca da sociedade burguesa. (O'CONNOR, 2013: 32)

Inspirado por Marx e Lukács, Adorno investiga as consequências do desenvolvimento de formas reificadas de consciência. O controle do homem – seus desejos e pulsões – a exigência do autodomínio, do aumento da disposição para o trabalho, da sujeição à rotina. Nos bastidores, progride a naturalização e banalização da violência, impostas pelos indivíduos contra si mesmos e contra tudo é externo a si. O controle do mundo das coisas se converte, paulatinamente, no controle dos sujeitos e suas capacidades e na anulação de sua individualidade perante uma organização social tão sistemática quanto silenciosa.

A universalização do aspecto instrumental da racionalidade, e a conseqüente perda do potencial para a crítica em nome da manutenção da norma vigente é, para Adorno, devastadora. O perigo, permanente, transparece no enraizamento de concepções de realização pessoal e felicidade pautados pelo consumismo irrefletido e desenfreado, que é paralelo ao avanço de uma crise ambiental para a qual não se vislumbra

solução, à exploração irrefreável de mão de obra em condições degradantes de trabalho, à permanência da fome, apesar da capacidade técnica para erradicá-la, à inócua participação popular na política. A ciência, especificamente, e o pensamento, de um modo geral, operam de maneira sistemática e se convertem em instrumentos de dominação econômica, social e cultural. A própria concepção de progresso se desdobra como aparelho ideológico que legitima o domínio da natureza das pessoas. O programa filosófico do esclarecimento, que confere justificação para o absoluto controle dos processos com vista a fins pré-determinados tem, para Adorno, dois resultados igualmente catastróficos: a legitimação da violência e o embotamento da crítica. O pensamento perde seu nexos com o mundo e o sujeito se encontra cindido daquilo que deveria compreender. “A terra totalmente esclarecida – denuncia Adorno – resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal” (ADORNO, 1985: 76).

A arte e o ensaio

Essa crise, que se anuncia na práxis, é, para Adorno, uma crise da razão, que exige da filosofia uma autocrítica radical. É essa exigência que direciona o olhar adorniano para a arte. A *Dialética do Esclarecimento* contém o germe de um posicionamento que será mantido por Adorno até a escrita de sua última obra, que permaneceu inacabada, a *Teoria Estética*, qual seja, que o primado do pensamento identitário e totalizante promovido pelos imperativos da lógica, do subjetivismo e da sistematicidade do pensamento pode ser superado pela tensa relação entre a incontornabilidade do pensamento conceitual – para o estabelecimento de um pensar que pretenda acessar a objetividade – e a

expressividade característica da arte. O pensar esclarecido, contudo, retira da arte o *status* de conhecimento, na medida em que esta parece ameaçar o estado de coisas vigente. Contra isto, Adorno defenderá que a arte possui potencial para firmar o contraponto, a resistência ao domínio positivista da técnica.

Será preciso, contudo, observar que permanece à espreita o risco de se confundir filosofia e arte, pelo abandono do pensamento conceitual. Adorno alerta que a exaltação da arte, como se esta representasse o abandono da conceitualidade do conhecimento, acaba por radicalizar a consideração positivista, que exclui a arte do âmbito do pensamento racional e a torna estéril. Intuição intelectual não é, para Adorno, conhecimento objetivamente válido. E a arte possui objeto próprio, da mesma forma que o conceito deve ser objeto da filosofia: é o pensar conceitual que a filosofia manterá a salvo, obrigatoriamente. Essa é a garantia de objetividade do seu discurso. Se a filosofia abre mão desse pensamento, abre mão da sua tarefa fundamental, lançando fora suas pretensões e largando a humanidade ao arbítrio das ideologias do cientificismo.

Desse modo, a relação entre filosofia e arte estará sempre sob o signo do conflito e esse conflito deverá dar voz aos outros. Se, para Adorno, “a forma dedutiva da ciência reflete a hierarquia e a coerção” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985: 34), o embotamento da razão por meio da limitação da expressividade linguística, através de critérios de verdade determinados de antemão, é a marca do mundo administrado e do embotamento da crítica. É isso, precisamente, que deve ser enfrentado. Em seu conhecido escrito *O Ensaio como Forma*, Adorno contrapõe a escrita ensaística e sua expressividade característica aos mais refinados sistemas filosóficos de pensamento e defende abertamente a superioridade da primeira. O ensaio é, para Adorno, um âmbito privilegiado de expressão da racionalidade

aberta à compreensão das tensões e contradições inerentes à totalidade social e livre do impulso de sublimá-las. É, para Adorno, condição de possibilidade para realização efetiva da emancipação humana, que a filosofia consiga expressar a realidade por meio de critérios de objetividade que não visem suprimir as contradições do real.

A aproximação do ensaio com a arte não nos deve confundir, contudo. O ensaio é uma produção teórica que se encontra entre a literatura e a filosofia, no limiar do conceitual com o poético. Seu potencial reside no estabelecimento de uma forma específica de contato da razão com o objeto de sua reflexão. Em uma das várias caracterizações propostas para o ensaio nesse escrito, Adorno afirma que

o ensaio obriga a pensar a coisa, desde o primeiro passo, com a complexidade que lhe é própria [...]. Se a ciência, falseando segundo seu costume, reduz a modelos simplificadores as dificuldades e complexidades de uma realidade antagônica e monadologicamente cindida, [...] então o ensaio abala a ilusão desse mundo simples, lógico até os seus fundamentos, uma ilusão que se presta comodamente à defesa do status quo. (ADORNO, 2003: 33)

Eis a chave: o segredo do ensaio é sua recusa à simplificação, na medida em que esta opera a coerção do pensamento sobre aquilo que se pensa.

Por isso, para Adorno, o ensaio ergue uma crítica aos procedimentos epistemológicos modernos, que consolidam a redutibilidade da coisa ao conceito, fazendo frente a esse destino da razão que absolutiza o método, denunciando seu reducionismo.

Nos processos do pensamento – aponta Adorno – a dúvida quanto ao direito incondicional do método foi levantada quase tão somente pelo ensaio. [...] O ensaio recua, assustado, diante da violência do



dogma, que atribui dignidade ontológica ao resultado da abstração, ao conceito invariável no tempo, por oposição ao individual nele subsumido. (ADORNO, 2003: 25).

A resistência do ensaio ao estabelecimento de uma ordem conceitual imutável se deve à sua sensibilidade para a mutabilidade do objeto e para o caráter incontornavelmente histórico do arcabouço conceitual que compartilhamos intersubjetivamente. A negatividade, que desde Hegel sabe-se inerente à conceitualidade, unida à complexibilidade imposta pela historicidade do objeto singular, dos processos de mediação e do contexto social, exigem um pensamento não reducionista, sob o risco da perda da efetividade do conhecimento e sua conversão em ideologia.

O ensaio recusa a rigidez da forma, característica do procedimento filosófico tradicional. Mas recusa também o contato imediato com o objeto que investiga, como se, passando por cima das mediações, pudesse desvendá-lo em sua verdade. Sem ceder a qualquer desses extremos, o ensaio mantém um trabalho de tessitura de amarrações conceituais que se sobrepõem uma à outra, formando uma rede que faz mais justiça ao que o objeto é, às facetas de sua existência real. Para Adorno,

o ensaio pensa em fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada. (...) [Ele] deve permitir que a totalidade resplandeça em um traço parcial, escolhido ou encontrado, sem que a presença dessa totalidade tenha que ser afirmada.. (ADORNO, 2003: 35).

Esse esforço é, Adorno ressalta, o esforço da forma. O ensaio rompe barreiras erguidas por uma linguagem que sedimentou o pensamento. Essa capacidade, imposta pela exigência da expressividade, é característica da arte e é precisamente nisso que o ensaio a ela se

assemelha. A arte, muito mais que a filosofia, devido à forma linguística a que essa última obrigatoriamente se submete, possui uma capacidade de ruptura com formas lógicas tradicionais: seu potencial reside em rasgar a obviedade a partir de dentro, sem que isso signifique a obediência a qualquer norma, mesmo quando o material impõe rígidas delimitações. O ensaio se encontra, para Adorno, na fronteira entre a arte e a filosofia. Da filosofia, herda o rigor conceitual que confere ao expressado sua objetividade, sem falseá-lo. Na arte, busca uma forma de representação que se reconhece desde sempre não idêntica ao particular que se esforça por representar, permanecendo apta a desvendar novos horizontes e revelar contradições.

A estabilidade do pensamento é, portanto, a grande inimiga do ensaio. Sua inclinação por revelar o objeto em sua imanência e historicidade vem do fato de que “o próprio espírito, uma vez emancipado, é instável” (ADORNO, 2003; 60). Essa instabilidade tem lugar na expressividade do ensaio, pela superação da lógica discursiva tradicional, por meio da afirmação de uma lógica interna que responde coerentemente às exigências do próprio objeto e não à imposição lógico-formal sistematizante do sujeito. Aqui é possível fazer um retorno à *Dialética do Esclarecimento*: a tentativa de impor a estabilidade à força esvazia a razão em sua maior pretensão, a de construir um caminho firme e linear em direção à felicidade.

Finalizo com a afirmação de que é nisto que reside a dialética interna ao esclarecimento: a dominação da natureza com o objetivo de garantir as condições para a felicidade desejada pela humanidade, se converte na regressão à barbárie, à violência e ao caos. Adorno afirma que “a consciência científica sempre foi

comprometida com o princípio de realidade e, com este, inimiga de qualquer felicidade” (ADORNO, 2003: 41). O ensaio, por seu potencial de superação da lógica discursiva impositiva, cuja origem se encontra em seu parentesco com a arte, está apto a fazer frente a esta consciência, que, ainda hoje, consolida a supremacia de visões de mundo autocráticas e totalitárias.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, T. *O ensaio como forma*. In: *Notas de Literatura I*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

HOBSBAWN, E. J. *Era dos extremos – o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O’CONNOR, B. *Adorno*. New York: Routledge, 2013.

Resumo: O artigo busca expor a perspectiva do ensaio em Adorno, a partir de sua crítica ao método científico moderno e à luz da crise da noção de razão iluminista. Trata-se de capítulo incontornável a qualquer pesquisa sobre a ciência contemporânea.

Palavras-chave: ensaio, forma filosófica, método científico

Abstract: The article aims to expose the perspective of the essay in Adorno, from his critique of the modern scientific method and from the point of view of the crisis of the notion of enlightenment reason. It is a chapter that can not be ignored in any research on contemporary science.

Keywords: essay, philosophical form, scientific method

* **Bianca Machado** é graduada e mestranda em Filosofia pelo Departamento de Filosofia da UnB. Desenvolve trabalho sobre a filosofia adorniana sob a orientação do Prof. Alexandre Hahn. Atualmente exerce magistério em escolas de ensino médio do Distrito Federal e participa do projeto *A quem pertence a cidade?*, oficinas sobre a imaginação política dos estudantes.